

Competência(s):
1 e 8

Habilidade(s):
1, 2, 3 e 27

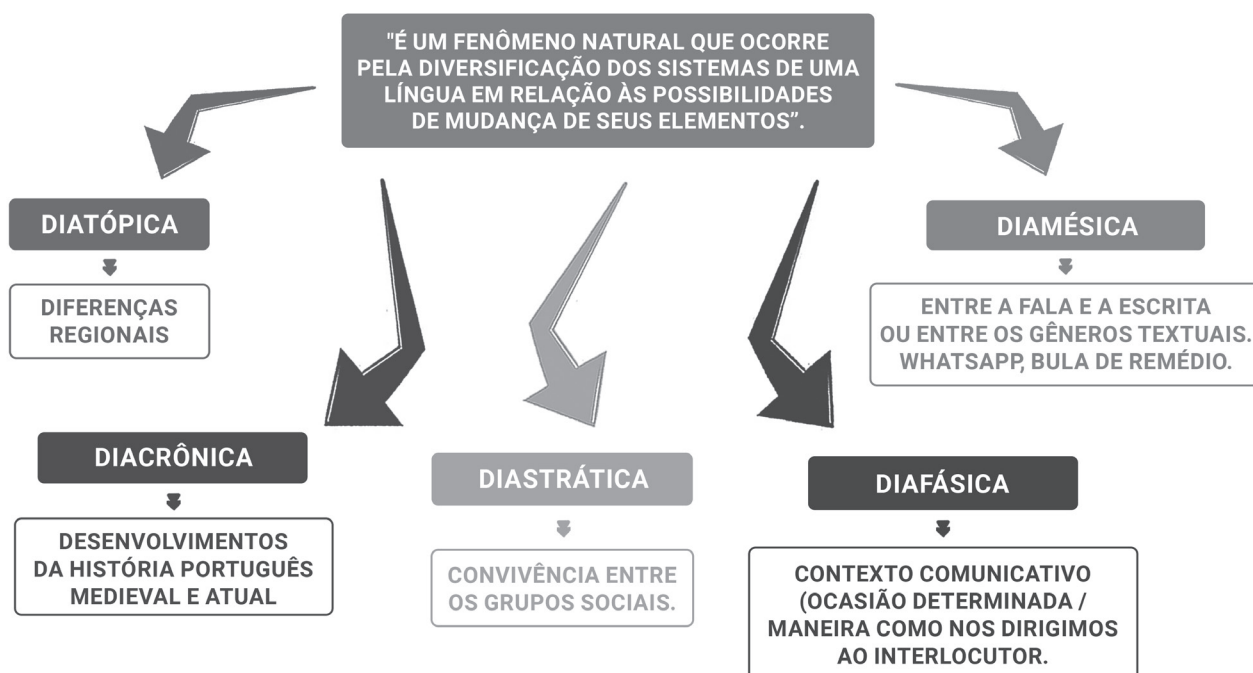
AULA 4

VOCÊ DEVE SABER!

- Variação diastrática
- Variação diafásica
- Variação diamésica
- Preconceito linguístico

MAPEANDO O SABER

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

1. (ENEM PPL 2020)

REALIDADE INVENTADA



No texto, o trecho “Cê tá muito louco, véio” caracteriza um uso social da linguagem mais comum a

- jovens em situação de conversa informal.
- peças conversando num cinema.
- homens com problemas de visão.
- idosos numa roda de bate-papo.
- crianças brincando de viajar.

2. (ENEM)

Texto I

Entrevistadora – eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora – olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixonou pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura. ... obras da/dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal e o e/ou difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

Texto II

Entrevistadora – Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora – Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixonou pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita.

Em comum, esses textos

- apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- são modelos de emprego de regras gramaticais.
- são exemplos de uso não planejado da língua.
- apresentam marcas da linguagem literária.
- são amostras do português culto urbano.

3. (ENEM PPL) Escrever

A estudante perguntou como era essa coisa de escrever. Eu fiz o gênero fofo. Moleza, disse.

Primeiro evite esses coloquialismos de “fofo” e “moleza”, passe longe das gírias ainda não dicionarizadas e de tudo mais que soe mais falado do que escrito. Isto aqui não é rádio FM. De vez em quando, aplique uma gíria como se fosse um piparote de leve no cangote do texto, mas, em geral, evite. Fuja dessas rimas bobinhas, desses motes sonoros. O leitor pode se achar diante de um *rapper* frustrado e dar cambalhotas. Mas, atenção, se soar muito estranho, reescreva.

Quando quiser aplicar um “mas”, tome fôlego, ligue para o 0800 do Instituto Fernando Pessoa, peça autorização ao sábio de plantão, e, por favor, volte atrás. É um cacoete facilitador. Dele deve ter vindo a expressão “cheio de mas-mas”, ou seja, uma pessoa cheia de “não é bem assim”, uma chata que usa o truque para afirmar e depois, como se fosse estilo, obter temperar.

SANTOS, J. F. *O Globo*, 10 jan. 2011 (adaptado).

A língua varia em função de diferentes fatores. Um deles é a situação em que se dá a comunicação. Na crônica, ao ser interrogado sobre a arte de escrever, o autor utiliza, em meio à linguagem escrita padrão, condizente com o contexto,

- definições teóricas, para permitir que seus conselhos sejam úteis aos futuros jornalistas.
- gírias não dicionarizadas, para imitar a linguagem de jovens de baixa escolaridade.
- palavras de uso coloquial, para estabelecer uma interação satisfatória com a interlocutora.
- termos da linguagem jornalística, para causar boa impressão na jovem entrevistadora.
- vocabulário técnico, para ampliar o repertório linguístico dos jovens leitores do jornal.

4. (ENEM 2015) Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento cidadão, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Língua Portuguesa*. n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

5. (ENEM PPL) O mistério do brega

Famoso no seu tempo, o marechal Schönberg (1615-90) ditava a moda em Lisboa, onde seu nome foi aportuguesado para Chumbergas. Consta que ele foi responsável pela popularização dos vastos bigodes tufados na MetrÓpole. Entre os adeptos estaria o governador da província de Pernambuco, o português Jerônimo de Mendonça Furtado, que, por isso, aqui ganhou o apelido de Chumbregas – variante do aportuguesado Chumbergas. Talvez por ser um homem não muito benquisto na Colônia, o apelido deu origem ao adjetivo *xumbrega*: “coisa ruim”, “ordinária”. E talvez por ser um homem também da folia, surgiu o verbo *xumbregar*, que inicialmente teve o sentido de “embriagar-se” e depois veio a adquirir o de “bolinar”, “garanhar”. Dedução lógica: de coisa ruim a bebedeira e atos libidinosos, as palavras *xumbrega* ou *xumbregar* chegaram aos anos 60 do século XX na forma reduzida *brega*, designando locais onde se bebe, se bolina e se ouvem cantores cafonas. E o que inicialmente era substantivo, “música de brega”, acabou virando adjetivo, “música brega” – numa já distante referência a um certo marechal alemão chamado Schönberg.

ARAÚJO, P. C. *Revista USP*, n. 87, nov. 2010 (adaptado).

O texto trata das mudanças linguísticas que resultaram na palavra “brega”. Ao apresentar as situações cotidianas que favoreceram as reinterpretações do seu sentido original, o autor mostra a importância da

- interação oral como um dos agentes responsáveis pela transformação do léxico do português.
- compreensão limitada de sons e de palavras para a criação de novas palavras em português.
- eleição de palavras frequentes e representativas na formação do léxico da língua portuguesa.
- interferência da documentação histórica na constituição do léxico.
- realização de ações de portugueses e de brasileiros a fim de padronizar as variedades linguísticas lusitanas.

6. (ENEM PPL 2019) Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais. Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo.

Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO 1

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

ANDRADE, Oswald. Obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TEXTO 2

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás
Nóis fumo e não encontremos ninguém
Nóis vortemo cuma baita duma reiva
Da outra vez nós num vai mais
Nóis não semos tatu!
Outro dia encontremo com o Arnesto
Que pidiu desculpa mais nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mais você devia ter pnhado um recado na porta
Anssim: “Ói, turma, num deu prá esperá
A vez que isso num tem importância, num faz má
Depois que nós vai, depois que nós vorta
Assinado em cruz porque não sei escrever
Arnesto”

BARBOSA, Adoniran, Gravações Elétricas Continental S/A, 1953.

- (UECE 2020)** Os textos 1 e 2 se referem ao uso da variante informal da língua portuguesa. O uso dessa variante, em ambos os textos, justifica-se por mostrar ao leitor
 - a organização social e cultural de uma comunidade de falantes.
 - que ele não sabe falar o bom português.
 - que fala essa variante da língua que ele não sabe português.
 - que há uma única variante falada no Brasil.

2. (UNICAMP INDÍGENAS 2021) LITERATURA INDÍGENA – A VOZ DA ANCESTRALIDADE

O contador de histórias era o portador do conhecimento e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena. O indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão. Aí está o papel da literatura indígena produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral e que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. Esta literatura (...) encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, um meio para também servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.

(Adaptado de Tiago Hakiy. "Literatura Indígena – A Voz da Ancestralidade", em J. Dorrico, L. F. Daner, H. H. S. Correia, F. Danner (orgs.), *Literatura Indígena Contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 37-38.)

Segundo o autor, a literatura indígena tem por função

- assegurar que todos os membros dos povos indígenas tenham acesso aos conhecimentos ancestrais de seus povos.
- valorizar a produção artística de escritores indígenas e promover o seu reconhecimento nos circuitos literários do país.
- registrar e divulgar, via escrita, saberes e manifestações culturais indígenas outrora expressos apenas pela oralidade.
- garantir que os indígenas que hoje habitam centros urbanos consigam reconhecer o seu pertencimento étnico.

- (ENEM PPL 2016) o::... o Brasil... no meu ponto de vista... entendeu? o país só cresce através da educação... entendeu? Eu penso assim... então quer dizer... você dando uma prioridade pra... pra educação... a tendência é melhorar mais... entendeu? e as pessoas... como eu posso explicar assim? as pessoas irem... tomando conhecimento mais das coisas... né? porque eu acho que a pior coisa que tem é a pessoa alienada... né? a pessoa que não tem noção de na::da... entendeu?

Trecho da fala de J. L., sexo masculino, 26 anos. In: VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coord.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*.

Disponível em: www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br. Acesso em: 4 dez. 2012.

A língua falada caracteriza-se por hesitações, pausas e outras peculiaridades. As ocorrências de "entendeu" e "né", na fala de J. L., indicam que

- a modalidade oral apresenta poucos recursos comunicativos, se comparada à modalidade escrita.
- a língua falada é marcada por palavras dispensáveis e irrelevantes para o estabelecimento da interação.
- o enunciador procura interpelar o seu interlocutor para manter o fluxo comunicativo.
- o tema tratado no texto tem alto grau de complexidade e é desconhecido do entrevistador.
- o falante manifesta insegurança ao abordar o assunto devido ao gênero ser uma entrevista.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES:

Por que usar ponto final em em mensagens de texto é mal visto?

Estamos passando por mudanças na utilização do sinal de ponto final. Há quem diga que ele caiu em desuso, enquanto outros afirmam que ele se tornou uma marca que traduz raiva e irritação nas mensagens de texto. Porém, o que de fato está acontecendo é que a linguagem escrita está se tornando mais flexível e ganhando seu próprio conjunto de normas estilísticas.

A questão do ponto final é apenas um exemplo dessa mudança marcada por novas possibilidades na forma de se comunicar por mensagens escritas. Assim como temos diferentes formas de conversar por linguagem falada dependendo da situação, também apresentamos estilos de escrita alternativos para cada contexto.

Nas entrelinhas dos pontos

Ainda que o ponto final continue sendo um sinal para demarcar o fim de uma sentença, muitos usuários omitem seu uso em mensagens de texto – especialmente se o conteúdo for curto.

Essa opção do usuário por não pontuar suas frases acontece porque as mensagens de texto costumam ser muito dinâmicas, semelhantes aos diálogos da linguagem falada. Quando estamos contando algo ao vivo, costumamos fazer uso de elipses e deixar brechas para que nosso interlocutor participe e acrescente comentários. Assim também fazemos em mensagens de texto. Daí que adicionar um ponto final é o oposto de abrir esse espaço, já que o sinal significa um fim e quer dizer "É isso. Fim de discussão". Para muitos, é justamente esse caráter de impor fim ao diálogo que faz a marcação não ser amigável.

Um grupo de psicólogos dos Estados Unidos decidiu estudar a influência do sinal em conversas virtuais. Como resultado, eles notaram que os participantes da pesquisa percebiam as mensagens digitais marcadas com ponto final como desonestas ou falsas. Porém, quando os mesmos textos eram reescritos manualmente (também com o ponto final), a sensação de infidelidade não existia.

Outro estudo, realizado por linguistas, avaliou que mensagens digitais compostas por muitas sentenças raramente eram marcadas por pontos finais e somente 29% delas tinham uma pontuação ao final de todo o texto. Segundo os pesquisadores, a razão para isso é que o momento em que apertamos “enter” coincide exatamente com o instante em que deveríamos pontuar as frases.

Mudança de código situacional

Mas por que sentimos que o autor da mensagem que usa pontos finais está sendo desonesto conosco? A resposta para isso pode ter relação com a “mudança de código situacional”, termo cunhado pelo linguista John J. Gumperz. A mudança de código situacional diz respeito às diferentes formas com as quais nós nos comunicamos dependendo do lugar, do meio e do nosso interlocutor.

Um exemplo comum disso é analisar a forma como uma pessoa se comporta durante uma entrevista de emprego e no bar com os amigos. Normalmente, o locutor vai utilizar uma linguagem mais formal na entrevista do que no ambiente com seus colegas. Caso o linguajar utilizado em ambos os casos seja o mesmo, provavelmente os amigos do bar vão estranhar e achar a situação um tanto quanto bizarra.

O uso do ponto final é um exemplo disso. Quando o sinal aparece em uma mensagem de texto, ele é percebido como uma característica excessivamente formal. Então, quando alguém encerra uma mensagem com um ponto final, é como se o indivíduo estivesse falando formalmente em uma mesa de bar com os amigos. É uma mudança de código situacional que faz aquele ato parecer incorreto, insincero e esquisito.

Também é importante lembrar que, antigamente, a linguagem escrita era quase sempre associada à formalidade porque ela residia em livros e documentos. No entanto, os tempos mudaram. As mídias sociais criaram espaço para que os usuários também trouxessem seu vocabulário casual para a linguagem escrita.

Outra forma de sinceridade

Mais um exemplo sobre a incorporação da fala na linguagem escrita é a repetição de letras. Através de um estudo, uma pesquisadora analisou que entender letras e sinais de marcação confere mais intensidade às mensagens. Outra linguista decidiu se debruçar sobre o assunto e notou que repetir pontos de exclamação em uma conversa pode transmitir sinceridade, como exemplificado na frase: “*JACKIE, EU ESTOU ME SENTINDO TÃO TÃO TÃO MAL! Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava!!!! Eu me sinto tããããã mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para vocêeee*”.

Note que o texto não é terminado com um ponto final, já que o uso do sinal poderia contradizer o pedido de desculpas. Ao invés disso, o interlocutor repete vogais e abusa de pontos de exclamação. Em um padrão formal, a mensagem seria escrita da seguinte forma: “*Jackie, eu estou me sentido tão mal. Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava. Eu me sinto tão mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para você.*” Este outro exemplo se parece muito mais com um e-mail enviado a um colega de trabalho do que como um pedido de desculpas sincero e amigável.

Esse tipo de situação tem muito a ver com a intuição, mas os exemplos servem para mostrar como a linguagem formal pode prejudicar a sinceridade de um pedido de desculpas.

Fonte: Revista Galileu. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/mundo-noticias/noticia-478237-por-que-usar-ponto-final-em-mensagens-de-texto-e-mal-visto.html>

4. (UNIOESTE 2021) Em relação ao código situacional é CORRETO afirmar.
- Ele diz respeito apenas ao conjunto linguístico que utilizamos para nos comunicar.
 - Diz respeito às diferentes formas com as quais nos comunicamos, considerando o contexto e com quem falamos.
 - O código situacional é um conjunto de regras vinculadas exclusivamente à gramática normativa para garantir o processo de comunicação.
 - O código situacional diz respeito apenas à gramática e ao falante e desconsidera o contexto e o interlocutor.
 - O código situacional diz respeito, exclusivamente, ao nosso comportamento e não trata de questões linguísticas.

5. (UNIOESTE 2021) Leia o excerto do texto e assinale a alternativa CORRETA.

“(…) Um exemplo comum disso é analisar a forma como uma pessoa se comporta durante uma entrevista de emprego e no bar com os amigos. Normalmente, o locutor vai utilizar uma linguagem mais formal na entrevista de emprego do que no ambiente com seus colegas”.

- a) Utilizamos a linguagem de acordo com a situação que nos encontramos enquanto locutores: nas situações mais formais de interação utilizamos a linguagem mais formal, nas situações mais informais utilizamos a linguagem mais informal.
- b) Não há, em nosso convívio social nenhum código situacional pré-estabelecido, assim, só quando conversamos com alguém é que vamos definir a nossa linguagem.
- c) Utilizamos a linguagem formal e informal sem pensar na situação.
- d) A linguagem informal pode ser utilizada em uma entrevista, mas a linguagem formal não pode, de forma alguma, ser utilizada com os amigos, pois causaria estranheza.
- e) Tanto a linguagem formal quanto a informal podem ser utilizadas em qualquer situação indistintamente.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

6. (FUVEST 2012) De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo
- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

7. (FUVEST 2012) Depreende-se do texto que uma determinada língua é um
- a) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- b) sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- c) conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- d) complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- e) conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O MELHOR DE CALVIN Bill Watterson



O Estado de S. Paulo, 14.04.2001.

8. (FUVEST-ETE 2022) A leitura do texto permite afirmar que,
- a) nos três primeiros quadrinhos, não se verifica a competência comunicativa dos sujeitos, uma vez que não é compreensível o que eles dizem.
- b) no último quadrinho, o estilo informal se manifesta motivado pela concordância verbal e pela presença da interrogação.
- c) no último quadrinho, o estilo informal, marcado por alguns usos típicos da oralidade, contrasta com a formalidade dos três primeiros quadrinhos.

- d) no último quadrinho, o uso do verbo “ter” e da expressão “que nem” reforça a formalidade da linguagem presente nos quadrinhos anteriores.
- e) nos quadrinhos, percebe-se uma inadequação da linguagem, uma vez que é preciso optar entre a formalidade e a informalidade.

9. (UNICAMP 2017) No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores? Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog Melhor Dizendo. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em: 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.)
- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p. 1-7, 1985.)
- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editorial, 2007.)
- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.)

10. (ENEM 2011) Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como *ter* por *haver* em construções existenciais (*tem* muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para *mim* fazer o trabalho), a não concordância das passivas com *se* (*aluga-se* casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implica-juízo de valor.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que

- a) estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- b) falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- c) moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante modificação das regras de emprego de pronomes e os casos especiais de concordância.
- d) pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma padrão.
- e) usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo *ter* quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo *haver*, contrariando as regras gramaticais.

11. (ENEM PPL 2015) E: Diva... tem algumas... alguma experiência pessoal que você passou e que você poderia me contar... alguma coisa que marcou você? Uma experiência... você poderia contar agora... I: É... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu... né... é:: eu gostava do laboratório de química... eu... eu ia ajudar os professores a limpar aquele material todo... aqueles vidros... eu achava aquilo fantásti-

co... aquele monte de coisa... né... então... todos os dias eu ia... quando terminavam as aulas eu ajudava o professor a limpar o laboratório... nesse dia não houve aula e o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório... chegando lá... ele me fez uma experiência... ele me mostrou uma coisa bem interessante que... pegou um bécquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando... aquele fogaréu... quando o professor saiu... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico... só que... eu achei o seguinte... se o professor colocou um pouquinho... foi aquele desfile... imagine se eu colocasse mais... peguei o mesmo bécquer... coloquei uma colher... uma colher de cloreto de sódio... foi um fogaréu tão grande... foi uma explosão... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa... eu branca... eu fiquei... olha... eu pensei que eu fosse morrer sabe... quando... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, especialmente, no trecho “eu branca... eu fiquei... olha... eu pensei que eu fosse morrer sabe...”, há uma estrutura sintática fragmentada, embora facilmente interpretável. Sua presença na fala revela

- a) distração e poucos anos de escolaridade.
 - b) falta de coesão e coerência na apresentação das ideias.
 - c) afeto e amizade entre os participantes da conversação.
 - d) desconhecimento das regras de sintaxe da norma padrão.
 - e) característica do planejamento e execução simultânea desse discurso.
- 12. (ENEM PPL 2017)** Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de *chat* da internet? O próprio nome que designa estes espaços no meio virtual elucida que os leitores-escritores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um *software* específico. A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito”, numa “conversação com expressão gráfi-

ca”. A interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno *chat* também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva.

BERNARDES, A. S.; VIEIRA, P. M. T. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em: 14 ago. 2012.

No texto, descreve-se o *chat* como um tipo de conversação “tela a tela” por meio do computador e enfatiza-se a necessidade de domínio de diversas habilidades.

Uma característica desse tipo de interação é a

- a) coordenação de ações, ou atitudes, que reflitam modelos de conversação tradicionais.
- b) presença obrigatória de elementos iconográficos que reproduzam características do texto falado.
- c) inserção sequencial de elementos discursivos que sejam similares aos de uma conversa telefônica.
- d) produção de uma conversa que articula elementos das modalidades oral e escrita da língua.
- e) agilidade na alternância de temas e de turnos conversacionais.

- 13. (UFGD 2021)** O avanço tecnológico provocou alterações nos meios de comunicação e também na linguagem, o que deu origem aos gêneros digitais. Tal avanço trouxe diversas novidades não apenas para os meios de comunicação, mas também para a linguagem. A comunicação passou por diversas transformações graças ao advento da informática, e essas transformações estão mais próximas do que imaginamos.

Os gêneros textuais são incontáveis e adaptáveis às diversas realidades e situações comunicacionais. Eles também podem ser definidos graças a um conjunto de elementos fixos, embora sejam mais flexíveis do que os tipos textuais convencionais. A verdade é que a comunicação na internet acabou criando novos gêneros e alterando outros, comprovando que eles estão a serviço dos falantes e às necessidades de seu tempo. Se antes enviávamos cartas, hoje enviamos e-mail, que nada mais é do que uma adaptação virtual que dispensa o papel e a caneta. Hoje utilizamos as redes sociais para deixar um recado para nossos amigos. Contudo, é importante observar que, embora os meios tenham sido modernizados, a estrutura da comunicação e

a forma com a qual nos expressamos continuam seguindo parâmetros que estabelecem uma relação dialógica com formas textuais preexistentes.

Embora o número de gêneros seja variado, muitos deles possuem certa similaridade na escrita e na oralidade. Podem-se exemplificar como gêneros digitais presentes no dia a dia e e-mail, os blogs, os chats e os fóruns eletrônicos.

Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/generos-digitais.html>. Acesso em: 24 set. 2020 (Adaptado).

Marque a alternativa que apresenta uma característica do desenvolvimento dos gêneros digitais.

- Apresentam flexibilidade linguística, sendo possível ao usuário optar de forma consciente entre o uso de uma forma variante ou outra, fazendo adaptação ao grau de formalidade, à circunstância ou ao estilo.
- Apresentam um texto estável, em que as ferramentas disponíveis para criação e edição permitem aos leitores pouca ou nenhuma interferência ou alteração do texto.
- Apresentam um forte controle, pois a produção de textos passa por um processo de controle de qualidade do material que é publicado na rede, havendo pouca liberdade de criação.
- Apresentam um espaço reduzido e individual, o que torna o leitor apenas um visitante, ou seja, diante da impossibilidade de interação, aumenta-se a distância entre a relação autor/leitor.
- Apresentam um processo de criação monoautorial, em que prevalece a ideia expressa de um indivíduo em relação à escrita e à fala. Desse modo, o autor utiliza-se de regras de leitura para delimitar a interpretação por parte do leitor.

14. (ENEM PPL 2012) O internetês na escola

O internetês – expressão grafolinguística criada na internet pelos adolescentes na última década – foi, durante algum tempo, um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles temiam que as abreviações fonéticas (onde “casa” vira ksa; e “aqui” vira aki) comprometessem o uso da norma culta do português para além das fronteiras cibernéticas. Mas, ao que tudo indica, o temido internetês não passa de um simpático bichinho de uma cabecinha só. Ainda que a maioria dos professores e educadores se preocupe com ele, a ocorrência do internetês nas provas escolares, vestibulares e em concursos públicos é insignificante. Essa forma de expressão parece ainda estar restrita a seu habitat natural. Aliás, aí está a questão: saber separar bem a hora em que podemos escrever de qq jto, da hora em que não podemos escrever de “qualquer jeito”. Mas, e para um adolescente que fica várias horas “teclando” que nem louco nos *instant messengers* e *chats* da vida, é fácil virar a

“chavinha” no cérebro do internetês para o português culto? “Essa dificuldade será proporcional ao contato que o adolescente tenha com textos na forma culta, como jornais ou obras literárias. Dependendo deste contato, ele terá mais facilidade para abrir mão do internetês” – explica Eduardo de Almeida Navarro, professor livre-docente de língua tupi e literatura colonial da USP.

RAMPAZZO, F. Disponível em: www.revistalingua.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012 (adaptado).

Segundo o texto, a interação virtual favoreceu o surgimento da modalidade linguística conhecida como internetês. Quanto à influência do internetês no uso da forma culta da língua, infere-se que

- a ocorrência de termos do internetês em situações formais de escrita aponta a necessidade de a língua ser vista como herança cultural que merece ser bem cuidada.
- a dificuldade dos adolescentes para produzirem textos mais complexos é evidente, sendo consequência da expansão do uso indiscriminado da internet por esse público.
- a carência de vocabulário culto na fala de jovens tem sido um alerta quanto ao uso massivo da internet, principalmente no que concerne a mensagens instantâneas.
- a criação de neologismos no campo cibernético é inevitável e restringe a capacidade de compreensão dos internautas quando precisam lidar com leitura de textos formais.
- a alternância de variante linguística é uma habilidade dos usuários da língua e é acionada pelos jovens de acordo com suas necessidades discursivas.

15. (UFU 2018) Se quer medir forças, sei que eu me garanto,

Sem conversa frouxa, sem me olhar de canto,
Fecha a boca, ouça, eu não tô brincando,
Sua estratégia é fraca, já vou chegar te derrubando.

CONKA, Karol. *Karol Conka*. Download digital, 2001.

Karol Conka é uma rapper brasileira reconhecida por canções que exaltam a mulher. No refrão de *Me garanto*, de sua autoria, a forma *tô*

- representa uma inadequação ao grau de formalidade exigido pela letra da canção, um gênero escrito que circula oralmente em contextos públicos.
- caracteriza uma variedade linguística estigmatizada, já que, no Brasil, o rap está associado a comunidades socialmente marginalizadas.
- desmistifica a dicotomia entre a fala e a escrita, visto que figura em um gênero que apresenta um meio de produção sonoro e uma concepção discursiva gráfica.

d) indicia a inclusão de uma variante típica da fala informal à norma padrão, visto que figura em um texto escrito formal.

16. Dependendo do contexto e das situações comunicativas, a linguagem utilizada pode ser formal ou informal. Como é chamada a variação linguística em que isso acontece?

17. (FUVEST 2012) Leia este texto:

A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

Monteiro Lobato, *Prefácios e entrevistas*.

- a) Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.
- b) Entre a palavra “episcopalmente” e as expressões “meter o bico” e “de orelhas murchas”, dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade padrão.

18. (UNIFESP 2011) Leia o texto.

A nossa instrução pública cada vez que é reformada, reserva para o observador surpresas admiráveis. Não há oito dias, fui apresentado a um moço, aí dos seus vinte e poucos anos, bem posto em roupas, anéis, gravatas, bengalas, etc. O meu amigo Seráfico Falcote, estudante, disse-me o amigo comum que nos pôs em relações mútuas.

O Senhor Falcote logo nos convidou a tomar qualquer coisa e fomos os três a uma confeitaria. Ao sentar-se, assim falou o anfitrião:

– Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê.

Pensei de mim para mim: esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar. Vieram as bebidas e ele disse ao nosso amigo:

– Não sabe Cunugunde: o veio tá i.

O nosso amigo comum respondeu:

– Deves então andar bem de dinheiros.

– Quá ele tá i nós não arranja nada. Quando escrevo é aquela certeza. De boca, não se cava... O veio óia, oia e dá o fora.

(...)

Esse estudante era a coisa mais preciosa que tinha encontrado na minha vida. Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura.

O nosso amigo indagou dele em certo momento:

– Quando te formas?

– No ano que vem.

Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!

O nosso amigo indagou ainda:

– Tens tido boas notas?

– Tudo. Espero tirá a medaia.

(Lima Barreto. *Quase doutor*.)

a) Tendo em vista o conceito contemporâneo de variação linguística, que ensina a considerar de maneira equânime as diferentes formas do discurso, avalie a atitude do narrador em relação à personagem Falcote, expressa na seguinte frase: (...) *esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar*.

b) Reescreva na norma-padrão – *Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê* e em seguida transcreva um trecho da crônica em que se manifesta a *atitude irônica* do narrador.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

São Paulo 10 de Novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

(...) Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente. Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach e ponho tanto entusiasmo e carinho no escrever um dístico que vai figurar nas paredes dum bailarico e morrer no lixo depois como um romance a que darei a impassível eternidade da impressão. Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isso: gostarem de verdade da vida. Como não atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete e vocês todos, do Rio, de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais. Meu Deus! se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da Terra) em longas caminhadas! Que diabo! estudar é bom e eu também estudo. Mas depois do estudo do livro e do gozo do livro, ou antes vem o estudo e gozo da ação corporal. (...) E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião. Eu conto no meu “Carnaval carioca” um fato a que assisti em plena Avenida Rio Branco. Uns

negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião. Não olhava pra lado nenhum. Vivía a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, pp. 3-5.

"Inúmeros são os casos de troca de correspondência entre artistas, escritores, músicos, cineastas, teatrólogos e homens comuns em nossa tradição literária. Mário de Andrade, por exemplo, foi talvez o maior de nossos missivistas. Escreveu e recebeu cartas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Câmara Cascudo, Pedro Nava, Fernando Sabino, só para citar alguns. O conjunto de sua correspondência não só nos ajuda a conhecer o seu pensamento, seus valores e sua própria vida, como também entender boa parte da história e da cultura brasileira do século XX."

DINIZ, Júlio. "Cartas: narrativas do eu e do mundo" In: *Leituras compartilhadas - cartas*. Fascículo especial 2, ano 4. Rio de Janeiro: Leia Brasil / Petrobras, 2004, p.10.

A partir da leitura do trecho da carta de Mário a Drummond e do comentário anterior, responda aos seguintes itens:

19. (PUCRJ 2005 - ADAPTADA)

- Na carta a Drummond, Mário de Andrade utiliza uma linguagem mais coloquial, trazendo a impressão, algumas vezes, de que a interação está ocorrendo na modalidade oral da língua. Transcreva do texto dois exemplos dessa manifestação da oralidade na escrita.
- Considere o período "Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes." Reescreva-o substituindo o verbo "pensar" pelo verbo "aludir". Faça as modificações que julgar necessárias.

20. (FUVEST 2015) Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



"Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda", disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a cobertura, "por causa do calor de matar".

Por não ter trabalho em local fixo ("Cato lata, ajudo numa empresa de carroto. Faço o que dá"), ele varia o local de pouso. "Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua".

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

- Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.
- O vocábulo "pra", presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

GABARITO

1. A	2. C	3. C	4. B	5. A
6. B	7. A	8. C	9. C	10. B
11. E	12. D	13. A	14. E	15. C

16.

A variação diafásica, também chamada de situacional, está relacionada com os diferentes contextos comunicativos. Assim, em função da situação em que a comunicação ocorre, o falante pode utilizar a linguagem formal ou informal para se comunicar.

17.

- a) Usando a ironia, Monteiro Lobato parte da hipótese que, se a linguagem coloquial é desprovida de regras e a linguagem escrita é subordinada às regras da gramática normativa, então conclui que “a correção da língua é um artificialismo”. Este raciocínio é falacioso, pois tanto a linguagem coloquial como a escrita mantêm vínculos com a gramática, embora sob aspectos diferentes: a primeira com a gramática discursiva, a segunda, com a gramática normativa.
- b) Apenas as expressões “Meter o bico” e “orelhas murchas” pertencem ao universo da linguagem coloquial e poderiam ser substituídas, segundo a variedade padrão, por “intrrometer-se” e “humilhada”, respectivamente.

18.

- a) O personagem narrador revela preconceito linguístico, baseado na noção de “correto” que é imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa o que, segundo os linguistas, leva à depreciação das variedades não padrão, como a forma de falar de pessoas de regiões agrícolas ou sem instrução formal.
- b) Na norma padrão, o excerto em itálico deveria ser substituído por: “Caixeiro (Garçom), tragamos alguma coisa de beber e comer.” É patente a ironia do narrador no excerto em que atribui qualidades altamente positivas à forma de falar de Falcote a ponto de o considerar um ótimo candidato a deputado (“Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura”), assim como no momento em que se afirma surpreendido pelos conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação acadêmica (“Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos”).

19.

- a) “pensando bem”, “dum”; “duma”, “(...)o que milhões, milhões é exagero, muitos(...)”.
- b) “Este é um caso a que tenho aludido muitas vezes.”

20.

- a) Estamos diante de uma **contradição** e, por conseguinte, de uma **ironia**. Diante desta imagem, nossos olhos sentem um estranhamento imediato fruto do contraste produzido pela palavra escrita em letras garrafais e tomando boa parte do anúncio: CONFORTO. Em cima, com custo, percebemos a existência de um homem deitado. Abaixo do homem um anúncio imenso. O efeito de sentido é produzido pelo **contraste** gerador da **ironia** presente entre a palavra CONFORTO e um homem dormindo ao relento, em um lugar que não foi feito para isso. A posição toda torta do homem enquanto dorme colide com a segurança e a beleza escritas também no anúncio, outro contraste que levará à ironia. Refletido pelo vidro, no canto à esquerda, há um outro homem, que também parece maltrapilho, e que parece estar se penteando e utilizando o vidro do ponto de ônibus para sua toaleta, o que também remete à beleza expressa na mensagem escrita do anúncio. Uma ironia produzida pela própria realidade.
- b) (...) *ninguém te incomoda* (...) O pronome *te* usado com o sentido de *você* ou do oblíquo *o* faz parte do coloquial brasileiro. (...) *por causa do calor de matar* (...) expressão hiperbólica usada informalmente.